OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 743

20 DE AGOSTO DE 1899

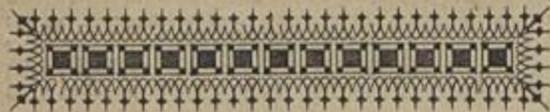
Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

TERCEIRO CASAMENTO DE EL-REI D. MANOEL

(Quadro existente na Misericordia de Lisboa, attribuido a Blas del Prado)

CHRONICA OCCIDENTAL

Tristes boatos amedrontadores vinham correndo, ha muito.

Ha mais de mez e meio, ora desmentido, ora confirmado, dizia-se que estava a peste bubonica na cidade do Porto.

Hoje não ha duvidas a esse respeito. Confirmaram a existencia da terrivel epidemia os homens da sciencia.

Portugal está isolado do resto da Europa. Consequencia fatal. Nos portos não entram navios; o governo hespanhol collocou um cordão sanitario ao longo da fronteira. Não é a peste o que mais temos a temer. Os casos averiguados teem sido poucos e a percentagem da mortalidade relativamente pequena.

A estação não corre propicia para o desenvolvimento do microbio e, segundo auctorisadissimas opiniões, ha faceis processos de evitar que a epidemia se propague e até de com ella acabar de todo antes da chegada da estação das chuvas.

Como sempre n'estes casos, as opiniões são o mais divergentes possiveis e, emquanto ás medidas tomadas pelo governo e auctoridades, os animos acirraram-se e as discussões jornalisticas sahiram por vezes do campo da brandura.

O mal é grande em si, mas as consequencias do isolamento em que nos achamos são terriveis. Logo se fizeram sentir no preço das libras, que, de um momento para o outro, se aggravou violentamente.

Falla-se já em fabricas que vão brevemente fechar. E a esses milhares de braços paralysados correspondem muitos milhares de boccas que hão de gritar com fome.

Muitos paquetes, que faziam carreira para o Brazil fazendo escala por Leixões e Lisboa, deixam de tocar nos portos portuguezes. A Hespanha fecha-nos as suas fronteiras, e o governador de Badajoz foi demittido, porque permittiu a entrada na cidade aos portuguezes que ali foram assistir ás grandes corridas de toiros, pelas festas da Assumpção.

Muito se tem mentido entretanto. O terror panico inflamma as imaginações. Contou-se que haviam morrido o barbeiro que fizera a barba ao primeiro atacado e o coveiro que o enterrára; ambos, porem, vão gosando de perfeita saude.

São naturaes estes exageros, mas nem por isso menos perigosos.

As visitas sanitarias começaram a effectuar-se nas principaes terras.

Devemos ter toda a esperança que boas medidas hygienicas afastem brevemente toda a ideia de perigo.

A peste não tem augmentado no Porto; a percentagem da mortalidade tem diminuido. Os jornaes todos se occupam em publicar os conselhos das summidades medicas para evitar a propagação do mal e recommendando certos desinfectantes. O estado moral da população é bom. *Deus super omnia!* Dentro de um mez ou dois, não se falará mais n'isso. Assim é de esperar.

A peste, que como a fome e como a guerra formava o triumvirato decantado dos flagellos, não tem hoje, graças ao adeantamento da sciencia, o mesmo poder de devastação.

Em tempos d'El-rei D. Sebastião, quando entrou em Portugal, foram taes os estragos que fez e o terror que infundiu nos habitantes de Lisboa, que esta quasi se despovoou e a erva cresceu abundante pelas ruas. N'esse tempo não sabiam evital-a e desconheciam os meios de combatel-a.

Não tornará a haver na historia moderna factos tragicos eguaes a esse.

O accrescimo de limpeza na cidade e nas habitações será sufficiente para muito diminuir o mal e restringir lhe o campo. Nas proprias cidades da India, as victimas são poucas entre os europeus, que maior cuidado tomam em tudo quanto se refere á hygiene e prophylaxia.

D'outro flagello, e este de consequencias mais rapidas ás vezes, tivemos tambem uma pequena amostra, que não chegou a todos.

Ha noites sentiu-se em Lisboa e em grande parte do reino um tremor de terra, que em alguns sitios fez pequenos estragos, rachando estuques e partindo vidros, mas que pela maior parte da população não foi sequer ao de leve sentido. Parece ter tido o seu maximo de intensidade em Alhandra e seus arredores.

E, de passagem, já que falamos de flagellos, diremos que as batotas continuam em todas as praias.

Os desgraçados hespanhoes, que não podem voltar a suas terras sem a distracção de nove dias de lazareto na fronteira, lá teem que deixar mais umas pesetas ao 35 da Figueira, ao Zero de Espinho e á segunda duzia da Povoa de Varzim.

Uma ordem da policia acabou com o flagello das cornetas dos azeiteiros e outros vendedores. Acabam os pequenos, ficam os grandes, veem outros maiores. Em flagellos continuamos riquissimos.

Estiveram na ordem do dia, o que não evitou que muito se discutisse, porque todas as attenções chamava, o processo de Dreyfus, que vae correndo no tribunal de Rennes.

Cada vez se accentua mais a opinião que o antigo deportado da ilha do Diabo não foi mais do que victima innocente d'uma série de desatinos e de crimes.

Os animos continuam exaltadissimos, como o provam as prisões ultimamente realisadas e o infamissimo attentado contra o famoso advogado Labori, já tão em evidencia desde o processo de Emilio Zola.

As ultimas noticias dão-o como livre de todo o perigo.

O depoimento do general Mercier foi, porém, um fiasco completo. Não apresentou uma unica prova, cuja falsidade não estivesse já previamente e eloquentemente demonstrada.

A forma por que a essa testemunha Dreyfus indignado se dirigiu, causou profunda commoção em todo o auditorio.

Condemnado ou absolvido, é preciso que Dreyfus o seja por unanimidade. É preciso que essa questão acabe por uma vez, que nenhumas duvidas fiquem, que possam eternisal-a.

A revisão foi uma conquista dos dreyfusistas, feita em nome d'um ideal de incontestavel justiça. Provou-se agora, o que aliás era sabido, que, quando do primeiro julgamento em 1894, os juizes examinaram certo documento, que o réo e seus advogados nem sequer puderam saber a que se referia!... Esse documento foi inutilisado!

Nunca tão atropelada fôra a justiça e por isso não é de espantar o numero de assignatnras que subscreveram a mensagem a Emilio Zola, approvada na reunião para que os juriconsultos portuguezes foram convocados pelo illustre advogado, dr. Alves de Sá.

Os juizes de então tomaram responsabilidades. Mas isso que significa? São ellas sempre faceis de tomar, quando não ha maneira de tornal-as effectivas.

Tambem os governos dizem muita vez a fraze bem conhecida: *assumo a responsabilidade!*

Ainda não ha muitos dias, dizia um pequeno a outro, querendo-o obrigar a saltar uma escada de oito ou dez degráos.

— Salta; não te acontece nada e, se quebrares uma perna, eu tomo a responsabilidade toda!

E Deus queira que com tantas responsabilidades tomadas por cá e por lá, eu possa d'aqui a dez dias, dar aos leitores, boas noticias da salubridade do paiz, do processo de Dreyfus e da perna do pequeno.

João da Camara.

EL-REI D. MANUEL (¹)

«Manuel, que a Joanne succedeo
«No reino e nos altivos pensamentos,
«Logo, como tomou do reino cargo,
«Tomou mais a conquista do mar largo.

Camões (Lusiadas, canto 4.º).

No tomo 5.º das *Memorias de Litteratura Portugueza*, publicação da Academia Real das Sciencias, lê-se a paginas 253, esta passagem de José Joaquim Soares de Barros: «Huma porção de gloria de hum grande Monarca, o mais venturoso, que subio ao Throno da Nação Portugueza, apparece agora neste papel com aquelle lustre, que parecia ter perdido ..». Coube de facto a D. Manuel, decimo quarto soberano portuguez na ordem dos tempos, o titulo de *venturoso*, que foi realmente, sob qualquer ponto de vista que seja encarada a sua fysionomia historica.

Perfilhando os termos do citado Barros, vou applicar ainda a D. Manuel, para melhor accentuar a idea que faço de principe tão illustre, as expressões conceituosas com que se exprimiu Sully, celebre ministro, querendo definir Henrique IV, de França, e adoptadas por Anquetil, na sua historia do povo famoso d'aquella nação, a proposito de Luiz XIV: «É no monarcha que recahe de direito a maior parte do louvor devido a uma boa administração; pois nunca faltam bons subditos aos reis, mas sim os reis aos bons subditos».

D. Manuel, duque de Beja, primo de D. João II nasceu em Alcochete, aos 31 dias do mez de maio de 1469, e fôram seus paes, D. Fernando, 3.º filho do rei D. Duarte e D. Beatriz, filha do infante D. João.

Devo transcrever aqui, pelo interesse curioso que desperta, o trêcho seguinte que vem na *Historia de Portugal*, de Francisco Duarte Almeida e Araujo: «O duque de Beja assim como crescia em annos, ia dando mostras das qualidades mais amaveis, quaes são a brandura, e humanidade, com uma gravidade temperada pela affabilidade. E sendo desde então muito exacto no que fazia, levantava-se muitas vezes antes de amanhecer, despachava os negocios que tinha, e depois divertia-se na caça, ou na pella. E posto que tinha uma casa magnifica, e mesa regalada, era tão sobrio, que não bebia vinho. Este principe era amante da musica, e da conversação, e principalmente da que tratava de cousas mathematicas, viagens e descobrimentos; e por isso el-rei seu primo (que o amava mais por suas partes, e boas qualidades, do que pela proximidade do parentesco) ajuntou ás armas do duque uma esfera, de que elle usou no seu sinete, e depois de rei, no alto do seu escudo de armas. Póde-se contar por primeiro lanço de felicidade, não ter este principe nascido herdeiro da coroa, e talvez fosse outra grande vantagem, as circumstancias em que se vio durante o reinado d'el rei seu primo, porque era obrigado a viver com grande circunspecção.»

Que D João II não era inimigo de D. Manuel, deixa-o vêr claramente o *Assentamento* que vou copiar, inserto no 2.º volume das *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, por D. Antonio Caetano de Sousa: «Dom Johão, etc. A quantos esta nossa Carta virem fazemos saber que nos ordenamos ora que Dom Manuel Duque de Beja, e de Vizeu, Senhor de Covilhaã, e de Villa Viçosa, etc. meu muito amado, e prezado Primo aja de nos de seu assentamento, d'este Janeiro que ora passou do anno presente de 1489

(¹) Devendo acompanhar este artigo com um retrato de El-Rei D. Manuel, não encontrámos documento mais authentico que o quadro existente no gabinete do sr. provedor, na Misericordia de Lisboa, pelo que o reproduzimos na primeira pagina d'este numero.

Representa o quadro o casamento de El-Rei D. Manuel em terceiras nupcias com a Infanta D. Leonor, filha de Filippe I de Hespanha e irmã do imperador Carlos V.

Este quadro foi mandado fazer pelo primeiro provedor da Misericordia, (primeiro depois que a irmandade tomou conta do novo edificio), D Alvaro da Costa, ao pintor de Toledo Blas del Prado, discipulo de Pedro Berruguete, do que dá noticia o abbade de Castro n'um folheto, publicado em 1871, *Resumo historico sobre o quadro a oleo representando o acto do casamento d'el-rei o senhor D. Manuel com a senhora D. Leonor.*

Tambem ha noticia d'este quadro no *Abecedario Pittorico* de Pellegrino Antonio Orlandi, accrescentado por P. Guarienti (Venezia, 1753) em que diz, fallando de Blas del Prado: *Nella casa dei Signori Fratelli della Misericordia en Portogallo, di mano di lui venggosi i Sponsali del Re Dom Emmanuele egregiamente rapresentati*

Raczynski tambem se refere a este quadro, e com muito louvor, na sua obra *Les Arts en Portugal*

No primeiro plano estão as figuras de El-Rei D. Manuel e da infanta D. Leonor. O retrato de D. Manuel deve estar parecido, porque não destôa de outros quadros, como um que se encontra no Museu Nacional de Bellas Artes, onde se vê o monarcha mais novo. El-Rei D. Manuel tinha 49 annos de idade quando contrahio terceiro matrimonio.

A figura que se vê de corpo inteiro á direita do quadro, deve ser a de D. Alvaro da Costa, o dito provedor da Misericordia que mandou fazer o quadro, porque na orla do manto de Cavalleiro de Christo, que tem posto, se lê a letras douradas: *D. Alvaro da Costa, Prim.ᵗᵒ P.ᵈᵒʳ d'esta Casa.*

Além d'isto, Alvaro da Costa foi que negociou o casamento, em grande segredo, e pelo que se vê era pessoa de grande confiança do monarcha, e com muita diplomacia o fez, no meio das fortes intrigas que se moveram contra este terceiro enlace de El-Rei D. Manuel. Os outros personagens que figuram no quadro, e que parece deverão ser tambem retratos, não se sabe de quem sejam.

Sendo este quadro de bom desenho e boa pintura, não se poderá dizer o mesmo com respeito á fidelidade historica, o que não é para admirar, sabendo-se que o artista que o delinion, estava longe do logar em que se realisou o acto e, talvez, não fosse cabalmente informado das circumstancias que o acompanharam.

O sr. G. Pereira escrevendo d'este quadro na *Arte Portugueza*, transcreve o seguinte periodo de Damião de Goes, a respeito do casamento de El-Rei D. Manoel com a infanta D. Leonor:

«Este dia que se despediram uns dos outros, veiu a rainha dormir ao Castello de Vide, onde esteve um dia, e ao seguinte se foi ao Crato; depois da rainha ter ceiado, chegou el-rei ás nove horas da noite, o qual a rainha veiu receber no peitoril da escada da sala, onde se fizeram suas cortezias como d'entre marido e mulher, o que feito, o principe (pobre principe) que vinha com el-rei, quizera beijar a mão á rainha, mas ella lh'a não quiz dar, posto que o principe n'isso insistisse; após o principe, lh'a beijou D. Jorge, duque de Coimbra, mestre de S Thiago e de Aviz; e porque a rainha, como disse, tinha já ceiado, houve logo na mesma sala serão; n'esta mesma noite os recebeu o arcebispo de Lisboa.»

Por isto se vê que o casamento se celebrou de noite, mas no quadro em questão, não se veem vellas, nem lampadas, nem tochas, que indiquem que aquelle acto foi de noite.

Provavelmente e, como diz tambem o sr. G. Pereira no alludido artigo, D. Alvaro da Costa esqueceu-se de dar esta indicação ou não a quiz lembrar a Blas del Prado quando lhe encommendou o quadro.

R.

em diante em cada hum anno hum milhão de reaes brancos os quaes lhe serão assentados em os livros de nossa fazenda donde em cada hum anno mandara tirar Carta de Desembargo delles que lhe sera dado pera lugar donde lhe sejão bem pagos, e por sua guarda lhe mandamos dar esta nossa Carta de padrão por nos assignada, dada em a Villa de Beja a 28 dias do mes dabril Francisco Dias a fez anno do nascimento de nosso Senhor Jesu Christo de 1489 annos».

O fim desastroso do unico filho legitimo de D. João II, maguando profundamente o coração do pae, determinou este a lançar suas vistas sobre o natural, D. Jorge, a quem tambem votava affecto immenso; mas, attendendo á voz da razão e aos motivos judiciosos que lhe allegaram conselheiros experimentados, elle proprio designou o duque de Beja para seu successor na realeza.

Tendo-se dado o fallecimento do *Principe Perfeito* em Alvor no dia 25 d'outubro de 1495, logo em 27 do referido mez D. Manuel entrou na posse da sua nova dignidade.

Não é empreza facil caracterisar com precisão a figura typica d'el-rei D. Manuel; entretanto, o que não admitte duvida alguma é que todos e quaesquer defeitos moraes e erros politicos que se lhe possam assacar foram amplamente resgatados por actos de subido valor intrinseco, ou fossem de sua iniciativa pessoal ou apenas sanccionados pela sua vontade esclarecida. O seu testamento é uma peça importante de consulta, imagem fiel da sua alma, onde havia sentimentos nobres e elevados.

E digo isto, porque não julgo licito suppor que elle tenha sido ditado por um espirito de hypocrisia refinada, tanto mais quanto o descobrita do caminho maritimo para a India, era por si sufficiente a transmittir ás idades mais remotas na posteridade o nome de D. Manuel.

N'aquelle documento a que alludo, encontram-se pontos essenciaes que demonstram os principios da sua fé e os respeitos que nutria pela causa da Justiça.

Passo a trasladar alguns periodos para aqui, visto ser esse o melhor commentario e o mais poderoso elemento para formar juizo:

«... primeiramente digo que d'esta hora pera todo sempre protesto firmemente crêr, e ter o que a Santa Madre Igreja crê e tem, e de viver e morrer na Santa Fé Catholica como fiel Christão, e pesso a Nosso Senhor Jesu Christo pella sua infinda misericordia que me queira perdoar meus pecados, e dar parte na sua gloria, e a Virgem Maria sua Madre Nossa Senhora que por mi lho queira procurar.»

«... sendo cazo que o meu falecimento seja lonje do dito Mosteiro (refere-se ao de Belem) em maneira que meu corpo logo a elle não possa ser levado, mando que do dia de meu falecimento a hu anno a mais tardar, minha óssada seja levada ao dito Mosteiro e sepultada na maneira que dito he.»

«... mando que se não faça essa, nem sahimento com ceremonia, nem chamamento do Reyno, senão como a qualquer vir pessoa, e digam as missas, e sahimentos que se fizerem.»

«... mando a todos meus criados e vassallos que não tragão nenhũ burel por mi, e os que dó preto tomarem, lho encomendo que não passe de seis mezes.»

«... mando que se tirem setenta cativos por minha alma dos mais pobres, e dezemparados que ouver, e havendo naturaes, dessos se tiraram primeiro, e isso mesmo se tirarão o mais prestes, que seja possivel.»

«... mando que se cazem outras tantas Orfans, a que se darão doze mil réis a cada hua pera seu cazamento...»

«... mando que qualquer divida de prata de Igrejas, ou de emprestidos dorfãos que ainda não for pago se pague logo.»

«... as couzas de justiça, como por Deos nos sejão tanto encomendadas, encomendamosnos muito e para mais despejo das couzas della, e porque melhor seja provida, nos parece que se devem mandar alçadas pelo Reyno, de tempo em tempo, taes pessoas, e letrados, que o bem fassão, posto que cazos novos pera isso hi no ouvese, porque quando se ofrecem em tam sempre he tempo.»

«... ao Principe meu filho muito encomendo que da Infante D. Izabel sua Irmãa, e da Infante D. Beatriz mui principalmente por serem mulheres, queira ter grande cuidado de as honrar, favorecer e amparar...»

Creio inutil transcrever na integra o testamento de D. Manuel, porquanto, o que ahi fica, já faz patente a sua indole e contenta o meu proposito.

Quando houvesse necessidade de prova mais completa do seu amor pela Justiça, possuimol-a nas Ordenações do seu nome e em lettras que dirigiu ao grande Affonso d'Albuquerque: no prologo d'aquellas brilham estas palavras: «... porque como a Justiça consiste em igualeza, e com justa balança dar o seu a cada huũ, assi o bom Rey deve seer sempre hum, e igual a todos, em retribuir a cada huũ segundo seus merecimentos: e assi como a Justiça he virtude nom pera si, mas pera outrem, por aproveitar soomente áquelles, a quem se faz, dando lhes o seu, e fazendo-os bem viver, os bons com premios, os máos com temor da pena, donde resulta paz, e asessegue, porque ho castiguo dos máos he conservaçam dos bons; assi deve fazer o bom Principe, pois que per Deos foi dado principalmente nom pera si, nem seu particular proveito, mas pera bem governar seu povo, e aproveitar a seus subditos, como a proprios filhos.»

D. Manuel reconsiderando depois de mandar Lopo Soares d'Albergaria, substituir Albuquerque no governo da India, escreveu ao conquistador de Goa uma carta em que se deparam estas linhas: «E ácerca das coisas de Méca, e do lugar onde jaz o malvado Mafamede, Nosso Senhor abrirá por sua divina misericordia os caminhos, e alumiará da sua Graça, e ajudará nosso bom dezejo, e vontade, que tendes, para nestas coisas o servirdes, e a nós contentardes... porque se já cá neste Reino estivereis, não poderiamos escolher outro para lá enviar, salvo vós, quanto mais estando lá, e quasi por obrigação de vossos trabalhos, e per cumprimento do louvor delles o deveis fazer.»

O reinado do antigo duque de Beja, tão longo como o espaço de 26 annos, foi cheio de acontementos perduraveis na memoria dos homens e de peripecias scintillantes nas paginas historicas da minha patria.

Desde D. João I, tinham vindo accumulando-se na tela intima da vida portugeza, circumstancias congéneres de esforço singular, as quaes, amadurecidas convenientemente, chegaram a produzir uma epoca de esplendor no periodo manuelino. A expulsão dos judeus em 1497, não abona a habilidade no governo de quem mais tarde, em 1505, foi solicito em proteger os christãos novos quando o caso do supposto reflexo milagroso de um crucifixo, no templo de S. Domingos, deu origem a scenas homicidas de verdadeiro canibalismo.

Podemos, comtudo, explicar semelhantes anomalias como sendo nodoas imperceptiveis de diamante ou manchas quasi imponderaveis de sol.

Cromberger, allemão, na arte da typographia, Antonio Rodrigues na heraldica, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, D. Jayme, duque de Bragança, D. João de Menezes, Duarte Pacheco Pereira, D. Francisco de Almeida e seu filho D. Lourenço, D. Vasco Coutinho, conde de Borba, Affonso de Albuquerque, D. Fernando Coutinho, D. Duarte de Menezes, Diogo Lopes de Sequeira, Nuno Fernandes de Athaide, Antonio de Saldanha, Lopo Soares d'Albergaria, Antonio Correia, o humanista Ayres Barbosa, o chronista Garcia de Rezende, os poetas Bernardim Ribeiro, Henrique Cayado, Gil Vicente, todos estes vultos de immortal irradiação nos fastos portuguezes, convidados por D. Manuel para o serviço da patria, souberam engrandecer o merito da escolha do monarcha e fornecer-lhe direito ao titulo famoso de que usou: *rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar, em Africa, senhor de Guiné e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India.*

Ao fallar em Vasco da Gama e em Affonso d'Albuquerque, estrellas altissimas de primeira grandeza e de fulgor intenso como o clarão deslumbrante no arrebol das auroras, sinto-me vergar absorto de pasmo e de commoção contemplativa diante da sua obra gigantesca e inolvidavel.

O caminho da India e o imperio portuguez no Oriente, são o que ha de mais monumental e arrojado na historia da humanidade: foram trabalhos colossaes de quilate tão fino, que revelando a Luiz de Camões a sua propria genial superioridade homerica, converteram-se em caudal soberbo de inspiração ao epico dos *Lusiadas*, em cujas estrophes inimitaveis parece perpassar a figura dos cooperadores valiosos de D. Manuel.

Este monarcha feliz, que dorme agora á sombra da basilica sumptuosa de Belem, egualmente poema luminoso do passado, embora seja de granito a sua construcção, teve no Gama e no soldado de Ormuz, de Goa e de Malaca, o mais indelevel testemunho da sua perspicacia individual, pois que, investindo-os no desempenho de missões difficilimas e de responsabilidade melindrosa, tornou evidente ás gerações futuras o alto grau da sua sagacidade e penetração.

Argue-se e não sem algum motivo, de ter sido inclinado ao fausto; mas, bem pensando nos usos e costumes do seu seculo combinados com as prosperidades e venturas do seu reinado, é logico desculpar certos dispendios excessivos, entre os quaes avultam os da celeberrima embaixada de Tristão da Cunha ao não menos celebre pontifice Leão X. Convém notar que a sua régia categoria o obrigava a dar muitos passos e a tomar muitas resoluções que seriam censuraveis em um particular, mas nunca em um rei. Foi elle o decimo primeiro mestre da ordem de Christo, dizendo-se a seu respeito no livro das *Definições e Estatutos dos Cavalleiros e Freires*, que: «Alcançou muitas liberdades, e privilegios dos Santos Padres, e outros, que elle, como Rey, concedeu, de que no processo d'este Livro em seu lugar se fará particular menção.»

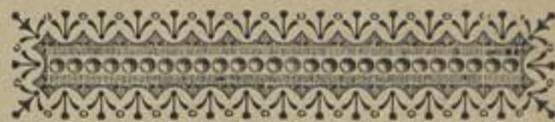
Claro está, que nada d'isto é exequivel sem munificencia, ao exercicio da qual vae mal a um soberano se se esquivar.

D. Manuel morreu no dia 13 de dezembro de 1521, e d'elle traçou o visconde de Santarem, em lingua franceza, o retrato seguinte: «Il mérite une place distinguée dans les fastes du Portugal par l'éclat de son règne et par les conquêtes qu'il fit dans les Indes et en Afrique.

Il montra toujours beaucoup de zèle et d'attachement pour la religion. Il ambitionnait la gloire des armes; il était magnifique dans sa cour, généreux, juste, labourieux, aimant les devoirs de la royauté, en remplissant toutes les fonctions avec exactitude. Il se rendait affable et accessible à tous ses sujets. Il chérissait ses peuples en père; il se fit une étude de leur bonheur et de leur alliance. Il eut beaucoup de goût pour les lettres; il honorait, il récompensait les talents, la science et le mérite. On peut lui reprocher la sévérité avec laquelle il traita les juifs établis dans ses États; ce qui dépeupla sensiblement son royaume et le priva des fruits de l'industrie de cette nation active et commerçante.»

O papel de D. Manuel no theatro da historia portugueza ostenta todo o matiz primoroso d'um actor consciente e consumado, em alliança aberta com qualidades distinctas d'um caracter generoso e bom.

Por isso, ao transpormos os umbraes da igreja de Santa Maria de Belem, é justo dobrar o joelho e elevar o pensamento até Deus, em signal de homenagem de gratidão á memoria d'aquelle rei.

D. Francisco de Noronha.

AS NOSSAS GRAVURAS

PAROCHIA D'EL-REI D. MANUEL

O templosinho que a nossa estampa reproduz foi logo desde o começo do seculo XVI, em que se fundou, como ainda o é hoje, conhecido vulgarmente por *Parochia d'el-rei D. Manuel*, embora a sua invocação, determinada pelo proprio fundador, fosse a de *Exaltação da Santa Cruz*.

É na villa da Batalha que elle se encontra, e foi erecto por occasião de el-rei D. Manuel, que attentamente seguia e vigiava as obras do grande monumento da Batalha, elevar a pequena povoação á categoria de villa.

Desannexada de Leiria, a nova villa, D. Manuel determinou que se lançassem os fundamentos de um templo, não muito longe do grande monumento, e n'um chão chamado da *mouraria*, e elevou esse templo a parochia, sob a invocação já indicada.

Até então servira de parochial a capella de Nossa Senhora da Victoria, no grande monumento.

Mas ao pequeno templo da nova villa o povo começou por aquelles motivos chamando parochia de D. Manuel, associando assim o nome do fundador á sua instituição.

Marca-se a fundação da parochia no anno de 1514, mas de certeza se sabe que só veio a acabar-se em 1532, no reinado de D. João III, pela razão de que ainda ali hoje se vê distinctamente, sob as armas reaes, aquella data.

O vigario d'esta parochial era apresentado pelos bispos de Leiria, que gozavam esse privilegio.

Na epoca calamitosa de 1810 foram destruidos, ou dispersos, todos os papeis de importancia, que constituiam o cartorio da villa, pelo que pouco se pode adiantar na sua historia.

Em 1834, era já tão grande o desenvolvimento

da parochia, que já aquelle edificio não podia servir. A camara da Batalha representou e conseguiu por intermedio do então governador do bispado, conego Antunes Pinto, que o governo auctorisasse a transferencia para o extincto convento da Batalha, da ordem de S. Domingos, que

A PAROCHIA DE EL REI D. MANOEL NA VILLA DA BATALHA

ficou tendo o titulo de *Monumental e parochial egreja da Exaltação da Santa Cruz da villa de Nossa Senhora da Victoria da Batalha*, conferindo-se ao parocho o uso da egreja com as suas capellas. O resto do edificio foi entregue ás obras publicas.

A *parochia de D. Manuel* passou então a servir de cemiterio.

O terramoto de 1858, que tanto se fez sentir n'alguns pontos do paiz, acabou de destruir o pequeno templo.

O abalo de terra fez abater o madeiramento do corpo da egreja, deixando só de pé as paredes, a torre dos sinos, e a capella-mór com as sacristias contiguas.

É n'este estado, que ainda hoje dura, que a nossa estampa representa o velho templo. D'entre as ruinas sobresahe, com suggestivo encanto, o encantador portal manuelino.

O riacho que banha esta parte da villa tem origem em duas nascentes: uma que corre dos logares de S. Jorge e Tojal e a outra a que chamam Fonte dos Valles, cuja agua os frades dominicanos recebiam no seu convento por ser de sua posse.

AS FILHAS DE CHLOÉ

É o titulo acima o do bello quadro que estampamos a paginas 185.

Chloé era um sobrenome pelo qual entre os gregos se designava a deusa Céres, a filha de Saturno e de Cybele, que personifica a agricultura.

Os mythologos, estabelecendo-lhe a genealogia, escrevem que ella fez longas e diversas viagens em companhia de Baccho, ensinando aos homens a arte de cultivar a terra.

Roubou-lhe Plutão sua filha Proserpina, e Céres accendeu então no alto do monte Etna dois archotes para a buscar de noite e de dia.

Chegando á côrte de Triptolemo ensinou par-

ticularmente a este principe a arte agricola, tomando o encargo de criar secretamente um seu filho, chamado Déiphon, o qual alimentava com o seu proprio leite, afim de o fazer immortal, e a quem deixou queimar por descuido de Meganira.

Proseguindo Céres na sua viagem encontrou Arethusa, a quem perguntou novas de sua filha Proserpina. Esta nympha lhe disse que Plutão a roubara.

Baixou Céres immediatamente aos infernos, onde deu com sua filha, a qual d'ali não quiz sahir. Desenganada de a não poder persuadir recorreu a Jupiter, que se obrigou a fazel-a voltar, comtanto que ella não houvesse comido cousa alguma depois da sua entrada nos campos Elyseos.

Ascalapho asseverou haver apanhado uma romã nos jardins de Plutão e ter d'ella comido sete bagos. Para se vingar, Céres metamorphoseou Ascalapho em mocho.

Então Jupiter, para a consolar, ordenou que Proserpina passasse seis mezes do anno em companhia de sua mãe e outros seis na companhia de seu marido.

Accrescentam os mythologistas que esta deusa tinha na antiguidade templos formosissimos, que as primicias de todos os fructos lhe eram offerecidas e que os que perturbavam os seus mysterios o pagavam com a vida. Quanto aos seus sobrenomes davam-lhe aquelles dos logares em que tinha os templos. Entre os seus cognomes distingue-se o de Chloé, a cujo culto e sacerdotizas se allude na nossa estampa.

D'este cognome deriva tambem a designação de *chlorienas* dada ás grandes festas que em Athenas lhe celebravam a 6 do mez de Thargelion. Eram as ceremonias acompanhadas de musica, danças e jogos.

Segundo uns poetas sacrificava-se um cordeiro, segundo outros fabulistas um porco. Em Athenas o templo de Chloé era na propria cidadela.

Pausanias diz suspeitar que houvesse n'estes cultos um sentido mystico desconhecido dos proprios sacerdotes. Este sobrenome de *Chloé* dizem os etymologos ser dos mais nobres de Céres, porque deriva de «chloé», que em grego antigo queria dizer: verdura.

A mythologia grega tem d'estas syntheses, e o seu estudo é interessante.

MORTE DO PRINCIPE JORGE, HERDEIRO DO THRONO DA RUSSIA

Falleceu o principe Jorge, irmão do imperador Nicolau e herdeiro presumptivo do throno da Russia.

O principe Jorge, filho do imperador Alexandre III, nasceu a 9 de maio de 1871, pelo que tinha apenas 28 annos e dois mezes, quando falleceu a 10 do mez de julho ultimo.

Era um tuberculoso, que passou os ultimos annos no Caucaso, onde o clima, mais favoravel, lhe permittiu mais algum tempo de vida.

Pertencia á marinha de guerra, em que fez serviço durante algum tempo, e tinha o commando honorario do regimento n.º 93 de infantaria de Iskoutzk.

Extremamente melancolico, era ao mesmo tempo muito affavel, bondoso e timido em excesso, para o que influia certamente a fraqueza do seu organismo.

Como o actual imperador não tem ainda do seu matrimonio um herdeiro varão, pois que a imperatriz só lhe tem dado tres filhas, as grã-duquezas Olga, Tatiana e Maria que nasceu ha pouco mais de um mez, passa a ser herdeiro presumptivo do throno da Russia o

PRINCIPE MIGUEL

irmão do imperador.

O principe Miguel nasceu em 1887 pelo que tem apenas 12 annos. Mais robusto que seus irmãos é um verdadeiro descendente dos Romanow.

Se a providencia continuar a recusar ao imperador Nicolau um filho varão, o actual herdeiro do throno, sabera sustentar bem o sceptro, e terá as sympathias dos russos que tem por elle grande estima.

O THOMÉ EM BOLANDAS

HUMORESCO

Por F. A. Janvier

(Continuado do numero anterior)

Assim que o comboio abalou por ali fora, começou ella a soltar um suspiro de allivio — que acabou, abruptamente, n'um gritinho abafado de zanga, ao ouvir proferir o seu nome; voltou-se, e eis que dá com os olhos em Mr. Pott — sujeito de certa edade, com tendencias um tanto gulotonas, modos e maneiras biliosas, e disposição em extremo censória — a ultima pessoa, em summa, que Mrs. Harvey teria desejado encontrar, em tão especialissimo dia. A bordejar pelos sessenta, (comquanto o não admittisse) Mr. Pott éra a genuina encyclopedia ambulante dos mexericos de Philadelphia e dos escandalos todos abrangendo os quarenta annos mais recentes. Ainda por cima, o seu afan em acrescentar o seu armazem de informações escandalósas, éra excedido apenas pelo zêlo que punha em as diffundir; e apezar de normalmente maçador e assaz peguenho em sua conversa, manifestava, no entanto, faculdades imaginativas consideraveis na perversão de lapsos comesinhos da rectidão social, no sentido de irrefragaveis crimes de lesa-sociedade, e lograva até imprimir ás suas aleivosas interpretações de factos o toque humoristico sufficiente a garantir-lhes circulação.

De todo familiar com estes diversos factos, Mrs. Harvey sabia muito bem que a descoberta effectuada por Mr. Pott, no sentido da sua fortuita empreza de felinos sahimentos, resultaria na immediata publicidade do caso de modo e maneira a transformal-a em alvo de risadas, e que podia dar-se por muito feliz, se acaso escapasse a consequencias sérias vindo reflectir-se na moralidade do seu caracter. Resolveu, pois, no mesmo instan-

AS FILHAS DE CHLOÉ

te, que *elle* não viesse, por cáso nenhum, a dar pela coisa — ainda quando, para o conseguir, se visse forçada a buscar refugio a cuberto com os fragmentos do nôno mandamento. Fora uma menina bem educada. opinava, porém, que nos casos em que as suggestões do Decalogo entravam em conflicto com as exigencias da sociedade culta, o Decalogo tinha infallivelmente de ficar debaixo. — Procedendo, pois, n'esta conformidade, com admiravel cordialidade, adduziu:

— Creia que sinto deveras, Mr. Pott, não me ser possivel offerecer-lhe um lugar n'este banco. — Que tambem, iria incommodadissimo, por causa d'este meu cabaz. E' uma tal almanjarra, bem vê —

«É um tanto alambazado, lá isso é» retorquiu Mr. Pott, attentando no cabaz, não sem tal ou qual surpreza. E accrescentou, com intenção visivel de dizer a sua gracinha: «Realmente, Mrs. Harvey, estou meio-disposto a accreditar que se anda ensaiando para gatuno, e que, para assentar a mão, começa por se safar com a sua prata.»

«O senhor tem muita graça! Não lhe escapa nada! replicou Mr. Harvey, com um sorriso de graciosa apreciação. «Não senhor, não vou fugida com a prata; lévo aqui, mas é um cabaz — com geleia para minha cunhada. — E em seguida, conscia de que tinha de sustentar o seu dito, proseguiu: «Que eu, com respeito a geleia — tenho fama, não sei se sabe.»

Façamos a devida justiça a Mrs. Harvey, afirmando que a pobre senhora, ao proferir semelhante carapetão, estremeceu um quasi nada. Ella, em absoluto, nem tanto como uma colherinha de chá de geleia havia feito, em dias de sua vida. As noções que possuia, com respeito a tão util lambança caseira, eram vagas e confusas, a mais não poder ser; méros retalhos de theoria baseádos em reminiscencias de cavaqueiras referentes á confeição da geleia, apanhadas aqui e acolá.

Infelizmente para Mrs. Harvey, o sr. Pott sabia mundos e fundos no tocante a geleia; e — como estava nas suas sete quintas, sempre que discutia assumpto que se referisse a coisas de comer — apparentou, desde logo, modo attencioso e circumspecto.

«Interessa-me profundamente» adduziu, sentando-se no braço do banco, e debruçando-se para Mrs. Harvey. «A géleia é uma das minhas tenêtas. — Antes que eu mal pergunte, de que é feita a sua geleia? — Safa! que cheiro a ether!»

— «De marmello» — atalhou, pressurosa, Mrs. Harvey. Ficou a tremer com a referencia ao ether, e, custasse o que custasse, determinou manter a conversação em terreno de menos perigo. — E demais, tinha a certeza de que se fazia geleia de marmello — se, até, na vespera a tinha comido, á sobremeza!

«Interesso-me muito mais em especial pelas geleias de carne» retorquiu Mr. Pott, cujo tom denunciou ligeira decepção. «As geleias de fructas, camtudo, tem que se lhe diga, e para se conseguirem com essa perfeição exigem muito cuidado.

— Mas que cheiro tão exquisito a ether!

— O que resa a sua receita? — As dózes que emprega quaes são?

— «Dózes!» inqueriu Mrs. Harvey, nervosissima. — «Não... percebi bem?»

— Quero dizer, que porção de açucar para um quarteirão de marmellos? — E esmaga os marmellos? Espero que não. — Ora se ha! que cheiro! Nem que estivessemos n'um hospital!

«Eu? nunca» — atalhou Mrs. Harvey com muita affirmativa — julgando encontrar salvaterio nas indicações de Mr. Pott. — Teria esperado, com certeza, por indicação subsequente com respeito á conta do açucar — mas aquella referencia ao hospital éra de arripiar, e por isso, foi por ali fóra... Açucar? Eu nunca deito mais de oito arrateis n'um quarteirão de marmellos! — Está na conta, pois não acha?»

— De modo nenhum «replicou Mr. Pott, em tom peremptorio. — Não acho, não, sonhora! Ficava, que nem melaço! — E Mr. Pott, encarou tão fito com Mrs. Harvey, éra a tal ponto singular a sua expressão, que a pobre senhora entrou a perceber que havia pregado um estenderête.

— «Pois sim, mas sabe perfeitamente que para valer a isso lá está o summo de limão. — Não havendo summo de limão, ficava que nem melaço, como acabou de dizer. — E d'ahi, como leva ainda casca de limão, clara de ovo e noz moscada... ao depois... não fica tão dôce. Mrs. Harvey, n'estas alturas, explicava-se com muito mais afirmativa; occorrera lhe que Mrs. Smith, tres ou quatro noites, atraz, se referira áquelles varios *items*, simultaneamente com a geleia.

Mr. Pott pôz-se a contemplal-a com visivel espanto, e ao mesmo tempo com certo arzinho de duvida reprehensiva.

— Realmente! accrescentou — é a geleia de marmello mais deveras extraordinaria que ouvi jámais mencionar em minha vida! E mistura, então, essas coisas todas... ao mesmo tempo.»

— «Certamente! respondeu Mrs. Harvey. Mistura-se tudo muito bem e vae ao lume.» Recordou-se *ipsis vêrbis* do que ouvira a Mrs. Smith, e prorompeu, por ali fóra, de gangão: «tudo a coser pr'ahi cinco horas e meia, passa-se muito bem pelo peneiro. e deixa-se ficar uma noite metido n'uma panela grande de barro, com gêlo. — A primeira vez que jantar comnosco, deixe estar, ha de provar da minha geleia.»

«Deus me defenda!» exclamou Mr. Pott, com a maxima intimativa, erguendo-se do assento um tanto incommodo, impertigando-se muito, e fitando em Mrs. Harvey olhar que exprimia, não só duvida, como ainda gráve descontentamento. Em seguida, irritado, accrescentou, visto como o seu espirito um tanto ou quanto ronceiro chegára á conclusão unica que lhe parecia explicar as confusas afirmativas de Mrs. Harvey: — «Que chorrilho de desconchavos! — Está mas é caçoando comigo. Permitta me que lhe diga que não incontro identica diversão em ser mistificado, e demais a mais, tractando-se de assumpto tão grave — áquella que a senhora, ao que parece, encontra em mistificar-me! — Minha senhora, estimarei que passe muito bem.»

Proferidas tão causticas palavras, Mr. Pott tirou o chapeu com frieza e formalidade — assumiu ar digno e severo — qual Lóth, correctamente vestido, no acto de abandonar uma Sodoma culinaria — afastou-se da contaminadôra presença de Mrs. Harvey e subiu para outro carro. — Tão profundo ultrage haviam soffrido os seus mais delicados sentimentos, que de bom grado, para se vêr longe d'ella, teria fugido para outro hemispherio.

Mrs. Harvey, por momentos, não atinou com a causa de tão iracunda despedida; mas, de repente, accudiu-lhe á memoria que Mrs. Smith se havia referido a geleia de mão de vaca; deu então pelo erro fatal em que havia incorrido, e percebeu o sentido das palavras do tão indignado Mr. Pott. Ficou visivelmente tremula, devido, em parte, ao receio do chorrilho de coisas desagradabilissimas que elle não deixaria de proferir a seu respeito, desde que ella lhe provocára a inimisade, e em parte, tambem, horrorisada pela tristissima figura que fizera. Rilhar o carôlo de tão amargas fantasias, eis a sua bem pouco alegre occupação, durante o resto da breve jornada em tramvia. O raio de luz que transparecia atravez de nuvem tão negra éra a persuasão de que Mr. Pott não descobrira que ella jornadeava em companhia de meia arrôba, e pico, de gato defunto.

Na estação suburbana, Mrs. Harvey e mais o seu contrapeso, transferiram-se — com difficuldade o ultimo mencionado — para uma carruagem, e lá foram rodando para casa do irmão d'ella, Mr. John. A casa, um pouco desviada da rua, ostentava, contra o costume, certo ar de reclusão; e entre o puxão que ella deu á campainha e o entreabrir da porta por parte de uma rapariga, tão nova quanto estupida, permeou um pedaço. Atravez da estreita abertura, o objecto mais conspicuo — no ponto de vista da creada — era o alentado cabaz que Mrs. Harvey, muito ajoujada com elle pelo atalho acima até á porta, desde logo, com grande allivio da sua pessoa, arriára no degrau. A rapariga, assim que enxergou o cesto, desabrida, exclamou:

— Gire! gire! não se quer cá d'isso! E tentou fechar a porta.

— Espére ahi! bradou-lhe Mrs. Harvey, tentando, com o peso do corpo, empurrar a porta. Mrs. Selwyn está em casa?

— Isso está ella! retorquiu a cachopa, e proseguiu: Veja se se muda, faça favor.

Mrs. Harvey, já se vê, zangou-se: conservou, porém, sufficiente presença de espirito para perceber que era apenas estupidez da rapariga. Empuxou com força a porta, que estava já quasi cerrada, e perguntou:

— Os seus patrões onde estão?

— E vancê que tem com isso? Ora não ha! Não estão cá, foram pró campo com a menina, que está com tosse confusa!

— E as outras creadas? Ficaria mais alguem lá em casa?

— Ficou... uma figa! nem se faz preciso, — commigo cá, não entram ladrões. Que não pense que fico aqui sósinha de noite — atalhou com muita pressa — o patrão dróme em casa hoje, e o Roberto tambem, lá na cocheira, e cá em casa fica a cosinheira a mais eu! Gatunos cá dentro, isso é que nem o mais pintado. — o primeiro que se lembrasse d'isso, apanhava um tiro pl'as trombas; nem tinha tempo de dizer agua vae. E adeus! veja se gira, que nam tenho vagar pr'a conversas.

— Oiça lá! proferiu com auctoridade Mrs. Harvey. Sou a irmã de seu amo.

— Não é com essas! accudiu, desabrida, a creatura. A mana do patrão, carregada com esse cesto tão taludo!

— Sou irmã de Mr. Selwyn, já lhe disse! e é por isso mesmo que trago este cabaz. E só o que quero é que entregue isto ao Roberto, assim que elle venha, e lhe diga que Mrs. Harvey — elle pl'o nome sabe logo de quem se trata — que Mrs. Harvey lhe pede por tudo quanto ha que enterre esta creaturinha que aqui vem morta, coitadinha! (os olhos arrazaram-se-lhe de lagrimas e a voz tremia-lhe) lá em baixo, ao pé da estufa, á sombra d'aquelle cypreste grande. Diga-lhe, tambem, não se esqueça, que abra uma covasinha muito geitosa e deixe espaço para se lhe erguer uma lapidesinha sepulchral! — Em nome de Deus! rapariga, você que tem?

Corte tão abrupto na allocução de Mrs. Harvey não se déra sem motivo amplo. O estupido carão da rapariga desmaiára de subito; escancarou os olhos que nem os de um goraz: a propria photographia do horror e do susto! Com a voz tomada, exclamou:

— Você o que é, é um facinora, su'alma damnada! Safe-se já da minha vista, e mais o creanço morto que ahi leva; olhe que eu chamo um policia!

Palavras não eram ditas, atirou com a porta, e antes mesmo de que Mrs. Harvey tivesse tempo de tentar sequer empurral-a, ouviu o ranger do feixo.

A situação era ridicula quanto possivel, bem o sentia Mrs. Harvey; muito mais quisilenta, porém, do que ridicula, isso é que não padecia duvida. A creada não queria abrir outra vez a porta, nem por tudo quanto havia; e respondia ás argoladas com tiroteio de intimações peremptorias de retirada, disparadas pelo buraco da fechadura.

Decorridos cinco minutos, Mr. Harvey percebeu que o alvitre mais ajuizado que lhe restava era seguir o conselho transmittido atravez do mencionado canal, em termos tão urgentes. Quiz a fortuna que o cocheiro, movido pela curiosidade de vêr o que seria feito de tão singular fregueza, parasse o trem á porta. Ella, portanto, devido a tal circumstancia, achou-se habilitada a uma retirada airosa. Occorreu-lhe de subito a ideia feliz de se entender com o homemzinho para a livrar do penoso dever que por suas mãos assumira, cujo desempenho, porém, lhe parecia agora exceder as suas forças. Era mais que provavel que, mediante um dollar, se promptificasse a sepultar o Thomé em qualquer sitio ameno; ella, d'este modo, ficar livre de tão funéreo carrego, e o Thomé repousar em paz.

A tal ponto a dominava o seu projecto que nem sequer percebeu — ao erguer do chão o cabaz e seguir pelo carreiro abaixo carregado com elle — que, assim que ella voltou costas, sahia a criada atraz d'ella. Quando se aproximou da carruagem, encarou attenta com o cocheiro, no intuito de formar opinião aproximada da competencia do homem com relação ao serviço que queria incumbir-lhe. — Este, para que digamos, como specimen especialmente promettedor da especie humana, nem por isso a impressionou muito; e não a surpreendeu pouco perceber que o olhar que fitava nella não era menos perscrutador do que aquelle com que ella o estava sondando. O facto obvio de a repellirem da casa em que obviamente tanto desejava penetrar, estimulára consideravelmente o interesse com que elle lhe vigiava os passos.

— O senhor tem ares de boa pessoa, — prorompeu Mr. Harvey, julgando opportuno propicial-o, attribuindo lhe virtudes em que não estava lá muito disposta a acreditar.

— Quer fazer-me um grande obsequio? Que eu, já se vê, promptifico-me a retribuir-lhe do melhor grado o seu trabalho. Precisava de que o senhor me enterrasse uma pobre creaturinha.

— Olho n'ella, sô cocheiro — tem morte ás costas, digo-lh'o eu! — berrava a creada por detraz da cancella do jardim: — Leva um creênço morto, salvo seja, dentro da almanjarra do cabaz — tão certo! Eu se fosse a vomcê, entregava-a a um policia.

— Você está doida! clamou Mrs. Harvey. Ora que lembrança! O que eu aqui levo é um gatinho que me morreu, coitadinho, e queria que o senhor o fosse enterrar. Promptifica-se, diga lá? Estou resolvida a pagar generosamente.

Com grande espanto de Mrs. Harvey, e não menos indignação tambem, dirigiu-lhe o homem um olhar de quem não vae lá com cantigas, e até lhe piscou o olho.

— Lá por isso nam se rale, patrôa — retorquiu em tom confidencial. Se quizer explicar-se com coisa que se veja, arrisco-me, e a coisa arranja-se, á calada; deixe estar, e não ha de ficar muito descontente. Se nam s'importa largar por ahi uns cem dollarsitos. Olhe que é de graça, só o perigo que eu corro de ir parar com os ossos á cadeia!

Mrs. Harvey ficou, o que se chama boquiaberta!

— Cem dollars para enterrar um gato! O senhor, por mais que me digam, não está bom de cabeça!

— Gato morto! — Nam é má piada, sim, senhora! Mas essa conversa pr'a cá é que nam gruda. Senhoras tão catitas nam carregam por gosto com gatos mortos dentro de cestos e nam offerecem maquia grossa pr'a lhos enterrarem. É muito calva! A senhora bem sabe o que leva ahi dentro; o mais que sabe é tudo — qu'eu cá nam nasci hontem! Nem era preciso qu'aquella madura entrasse a fazer tanta chiada! Deixe lá, faz-se de conta que leva ahi um gato, cá p'ra mim tanto se me dá. O que se apura da conversa é que a senhora leva ahi coisa de que está mortinha por se ver livre, e que eu estou prompto a livral-a d'esse empêno por cem dollars. Sabidas as contas, essa é que e a historia e o que eu quero saber é se está ou não está pl'os ajustes?

— Leve-me já, já, á estação, atalhou Mrs. Harvey, indignadissima. Se tiver o atrevimento de acrescentar uma palavra, chamo um policia para o prender.

(Continúa). *Pin-Sel.*

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

II

Parece que tal morte deveria ser um alivio n'aquella casa, mas muita lagrima a escaldar correu pelas faces de todos. O Martinho sobretudo parecia inconsolavel. Nos primeiros tempos, ia todos os dias para o cemiterio e só á força, muita vez, o arrancaram de ao pé da cova. Entretanto foi socegando, devendo sobretudo a quietação ao trato com o João, o irmão mais novo, ao qual, desde esse dia, pareceu dar o amor infinito que á sua victima havia dedicado.

Emquanto o Fritz vivêra, o Martinho pouco com o João se importára; parecia quasi que julgava crime dar a outro a menor parcella do coração. Mas, quando a morte levou o infeliz, um irresistivel anceio attrahiu-o para o mais novo; esperava que o affecto a João, encheria aquelle cruel vacuo que n'elle abrira a morte da sua victima; tinha que reparar, em favor do irmão que lhe ficava, o mal que havia feito ao que deixára de existir.

O João era por esse tempo um lindo pequenito de cinco annos: já sabia por si metter a fralda por dentro das calças e na proxima feira haviam de comprar-lhe o primeiro par de sapatos. Parecia nada ter herdado da aspereza e da arrogancia do pae; todo sahira á mãe, tão doce e cheia de mansidão; á mãe se chegava estreitamente, como Benjamim que era, e volvêra-se em idolo d'ella. Mas não só a mãe o adorava; todos o amimavam e acariciavam; era a luz, a alegria da casa.

Quem não haveria, só de vel-o, de gostar d'elle? Os longos cabellos loiros, muito claros, scintillavam como raios de sol e nos olhos limpidos e francos, em que uma alegre chamma se accendia para logo tomarem uma expressão sonhadora e socegada, havia uma immensidade de ternura e de bondade.

O Martinho, desde logo, com verdadeiro amor, ligou-se áquelle irmão, que por tanto tempo desleixára. Mas a differença de edades — quasi nove annos — não permittia que os unisse uma simples amizade fraternal: o Martinho estava quasi a sahir da infancia; umas certas maneiras graves e reflectidas, um modo de falar precocemente serio, approximavam-o do homem feito. Tanto mais que já no anno seguinte havia de entrar na vida activa. Não era pois natural que, em suas relações com um irmão tão novo, assumisse por vezes um certo ar paternal? Mas nem por isso se envergonhava de brincar com elle como criança; muita vez, cheio de paciencia, fazia de cavallo e deixava-se guiar com muitos «chó!» e «vai!» pelos pateos e pelos campos; mas ainda então transparecia em seu proceder mais a indulgencia sorridente d'um patrão do que a alegria ingenua d'um camarada consciente da superioridade.

O pequenito, carinhoso e meigo, foi-se com toda a alma para o irmão mais velho. Reconhecia n'elle uma auctoridade absoluta, ainda mais do que no pae ou na mãe, que mais longe andavam de seu coração de criança. Quando o dia chegou em que teve d'ir para a escola, foi-lhe o Martinho guia, cuja paciencia nunca se desmentiu, prompto sempre, quando a tarefa era pesada, a ajudal-o com seus conselhos e até por forma ainda mais effectiva. Então a veneração do pequeno pelo irmão mais velho tornou-se illimitada.

O velho Felshammer é que não andava lá muito contente com aquella profunda amizade. «Tanto requebrar-se, tanto beijocar-se! Antes vel-os brigando como gatos; ao menos teria a certeza de vêr carne sua e sangue seu!» Mas quem se sentia feliz era a doce e tranquilla mãe. Todas as noites e todas as manhãs pedia a Deus que lhe protegesse os filhos e não deixasse accender-se no Martinho o fogo da colera. Deus parecia prestar-lhe ouvidas. Uma só vez viu no filho um accesso de furor; mas d'essa vez aterrou-a elle até ao intimo da alma.

O João tinha então nove annos. Andava um dia brincando com um chicote ao pé d'um dos carros que, tendo vindo para buscar farinha, estavam ali no pateo. Um cavallo assustou-se e o carroceiro, um bebado muito bruto, tirou o chicote das mãos do pequeno e vergastou-o na cara e no pescoço.

N'esse mesmo instante o Martinho saltando lá de dentro do moinho, com as veias da testa inchadas e os punhos cerrados, saltou ás goelas do culpado e, com tal força lh'as apertou, que o homem fez-se livido. A mãe logo accudiu soltando um grito.

— Lembra-te do Fritz! berrou-lhe, erguendo a mão com um gesto de angustia doida.

E o furibundo, deixando cahir os braços, como tocados de paralysia, foi-se embora aos bordos e deixou-se cahir, a chorar, á porta do moinho.

Desde esse dia pareceu que de todo a colera expirára n'elle; uma vez chegaram a insultal-o na estrada, bateram-lhe, e elle deixou em paz na algibeira a navalha, que os homens d'essa terra tão promptos costumam sacar.

III

Passaram-se annos. Chegára á maioridade o Martinho, quando o moleiro morreu. Pouco lhe sobreviveu a mulher. Desde a morte do marido, nunca mais arribou e apagou se tranquillamente, sem um queixume. Dir-se-hia que lhe não era possivel viver sem os ralhos, de que o marido a fartára cada dia durante vinte e tres annos.

Ficaram desde então sós no moinho os dois irmãos. Não é coisa de espantar que mais se unissem, procurando confundir as duas existencias.

Mas eram, entretanto, bem differentes de corpo e d'alma. O Martinho era um valente rapagão, d'hombros quadrados, de pescoço atarracado, que entre os estranhos passava, mal-geitoso e taciturno. As sobrancelhas, como moitas, cahiam-lhe sobre os olhos, dando-lhe á cara um ar sombrio; sahiam-lhe com custo e aos sacões as palavras da bocca, como se o só falar lhe fosse tormento; não fosse a franqueza do olhar profundo, e o sorriso de bom rapaz, quasi ingenuo, que lhe dava luz, como de raio de sol, ás feições rudes e grosseiramente compostas, eram capazes de o julgar um homem duro e de mãos figados.

O João era o inverso. Para todos olhava alegre; lia-se lhe no riso constante dos labios certa malicia e um leviano pensar. O corpo alto e flexivel tinha todo o encanto da mocidade. Davam por isso as raparigas todas; quando elle passava, lançavam-lhe ardentes olhares; e muito córar confuso, muito expressivo aperto de mão parecia dizer-lhe: «Não se me dava de gostar de ti.» Mas o João é que não dava por tal. Estava ainda muito verde para o amor: preferia ás salas de baile o movimento do chinquilho, e á sociedade de Rosa ou de Gretchen a do irmão taciturno, ambos sentados no parapeito da comporta.

N'uma hora solemne, na paz da noite, um ao outro haviam feito promessa de nunca separar-se nem de admittir entre elles um terceiro, quer trouxesse o amor, quer trouxesse o odio.

Não haviam contado com o conselho real de revisão. Um dia chegou em que o João se viu obrigado a satisfazer á conscripção; foi-lhe preciso ir para longe, para muito longe, servir em Berlim nos uhlanos da guarda. Foi para ambos um golpe medonho. O Martinho, conforme o costume, coseu comsigo o desgosto, sem tugir; mas o João, de genio muito expansivo, mostrou uma dôr inconsolavel, de modo que, ao partir, teve que sujeitar-se ás muitas troças dos companheiros.

Foi de curta dura o desgosto. O cançasso dos primeiros exercicios, o bulicio confuso da capital, coisa tão nova para elle, não lhe deixavam vagar para entregar-se a sonhos. Era só quando se estirava no leito de campanha, á hora quieta do crepusculo, que vinham melancolias e saudades assaltal-o com violencia extrema; então revia, na escuridão, o moinho em que nascera a brilhar como um paraizo perdido, e o tic-taque das rodas tinha para seus ouvidos o rythmo d'um cantico celestial. Soava a chamada, sumia-se o encanto.

Mais infeliz era o Martinho no moinho em que ficára absolutamente só: não eram para contar-se como companhia nem os ajudantes do moleiro nem o velho David, que o pae lhe recommendára á hora da morte. Nunca tivera amigos nem na aldeia nem fóra d'ella. O João substituia todas as amizades. Calado e mettido comsigo, deixava-se ir á ventura; dia a dia foi-se lhe a alma envolvendo em sombras; cada vez mais abismado em sonhos, cercou-o a melancolia de trevas taes e tantas, que o espectro da victima se poz a perseguil-o. Juizo teve ainda para perceber que não devia continuar n'uma existencia d'aquellas. Desde logo poz-se a procurar distracções; ao domingo ia aos bailes, ou de passeio até ás aldeias mais proximas, sobretudo para visitar os homens de seu officio. D'ahi resultou... O caso foi que, um bello dia, ao encetar seu segundo anno de serviço, o João recebeu do irmão uma carta n'estes termos.

«Meu querido rapaz.

«Tenho que escrever-te, embora sabendo que te vais zangar comigo. Não pude continuar aturando esta solidão e resolvi casar-me. Chama-se ella Gertrudes Berling e é filha do dono do moinho de vento de Lehnort, que fica d'aqui a duas leguas. É muito nova ainda e eu gosto immenso d'ella. O casamento ha de ser d'aqui a seis semanas. Se puderes, arranja licença e vem cá. Querido irmão, peço-te que me não queiras mal. O moinho ha de ser sempre a tua casa, haja ou não aqui uma mulher. Os bens que herdámos do pae, taes como são, são nossos em commum. Ella manda-te recados. Já uma vez se encontrou comtigo na festa dos atiradores. Gostou muito de ti, mas diz que tu não fizeste caso nenhum d'ella e que ficou escandalisadissima comtigo. Adeus.

«Teu fiel irmão»

O João era um menino amimado: se o irmão casava, eram seus modos de vêr, trahia o amor fraterno. Parecia-lhe que o irmão o enganava, offendendo gravemente seus direitos innegaveis. No logar, que até aquelle dia occupára como senhor havia de sentar-se uma estranha, e, em sua propria casa, dependeria a posição d'elle da generosidade ou condescendencia d'essa mulher.

O favor, que antecipada e tão familiarmente lhe mostrava a filha do moleiro, não lhe deu socego nem lhe fez esquecer seu despeito. Quando chegou o dia das bodas, não pediu licença nenhuma e contentou-se com mandar pelo seu antigo companheiro d'escola, Franz Maas, que justamente acabara o tempo de serviço, seus cumprimentos e parabens.

IV

Passaram seis mezes e tambem elle se achou livre.

Então que vamos nós fazer João? Somos birrentos, não havemos de ir assim logo para a terra, não, sr.! Iremos em terras extranhas tentar fortuna, jornadeando ora para a esquerda, ora para a direita, por montes e valles, fazendo umas doidices. E, ao cabo de trez semanas, havemos de reconhecer por fim que, não obstante a presença da tal filha do moleiro de Lehnort, a vida é mil vezes mais bella no moinho de Telshammer que seja onde fôr. E lá nos pomos alegremente a caminho da nossa terra.

Por um bello dia de maio, dá o João sua entrada na aldeia de Marienfeld.

O honrado Franz Maas, que, no outomno precedente, montou um estabelecimento de padaria, está, de pernas largas, prantado em frente da loja, olhando com certo contentamento para os *bretzel* de folha, que a brisa do meio dia baloiça suavemente por cima da porta. De repente dá com um uhlano que caminha cantando, estrada fóra; traz o bonnet de pequeno uniforme atirado para a nuca e as esporas retinem. O padeiro sente logo o coração de valente reservista a bater com mais força por debaixo do avental branco; tira o cachimbo da bocca e pondo a mão nos sobr'olhos:

— O João! Pois é elle, é... O João!

— Olá! camarada velho!

E caem nos braços um do outro.

— D'onde nos chegas tu n'esta epoca do anno? Fizeste algum *rabiau*?

— Qual!

E logo perguntas e confidencias.

O capitão, o brigadas, o cantineiro, a pequena loira da loja de padeiro, á direita da caserna, a quem chamavam «a Magdalena pãosinho» ninguem fica por lembrar.

— E tu? Já alguem te conheceu cá na aldeia? perguntou o Frantz, cuja insaciavel curiosidade se atira agora ao solo natal.

— Ninguem! responde o João a rir e retorcendo com desvanecimento seus bigodes de joven cavalleiro, cujas guias insolentes vão ameaçar o céo.

— E em tua casa?

Então o João põe-se todo serio e estende-lhe a mão.

— Vais de caminho para lá? Deixa ouvir-te o coração se faz tic-taque!

E põe-lhe a mão no peito como a certificar-se.

Um riso fugitivo roça pelos labios do João, que logo reprime um suspiro, como quem quer não commover-se.

O Frantz põe-lhe uma mão no hombro...

gravemente em filas regulares, os tufos dos espargos e as hastes das beterrabas.

Entre os compridos talhões, a uns cinco passos do vallado, apparece-lhe um vulto feminino, alto, de opulentas formas juvenis, que, dobrado para a terra, trabalha activamente.

Quem será? Pentencerá ao moinho? Alguma criada nova, provavelmente. Não, não; tem um certo ar elegante e está muito aceada; tem sapatos muito finos, um avental muito janota e o lenço branco, que tão bem lhe vai, é de fazenda ricademais para uma criada. Se ao menos não escondesse tão completamente a cara!...

Ergue os olhos!... Com mil raios, que linda moça!... Tão corada, as faces rechonchudas! que brilho em seus olhos negros, e que beijos não pedem aquelles labios cheios, tão finamente desenhados!

Logo que ella o avista, deixa cahir a enxada; depois olha fita para elle.

— Bons dias! diz o João, levando a mão ao bonnet com um gesto algum tanto atrapalhado. Sabe dizer-me se o moleiro está em casa?

— Está, está em casa, responde ella continuando a encaral-o.

O PRINCIPE JORGE DA RUSSIA — FALLECIDO EM 10 DE JULHO DE 1899.

O PRINCIPE MIGUEL — HERDEIRO DO THRONO DA RUSSIA

— Vais encontrar uma cunhada... uma cunhada... ah! com seiscentos! accrescentou, dando estalos com a lingua e piscando o olho.

Mal ouve estas palavras, João sente acordar todo seu despeito e colera. Encolhe os hombros com desdem, estende a mão ao amigo e afasta-se fazendo tinir as esporas.

Mais trez minutos de caminho e eil-o no fim da aldeia. Lá está a egreja; pobre velha, não está lá em muito bom estado!

Mas aquelles sombrios pinheiros ainda cantam a mesma saudosa musica que, no dia da confirmação, lhe acariciou os ouvidos como uma promessa de ventura... A esquerda, lá está a estalagem; com mil raios! tem um portão novo com cantarias e na janella ostentam-se enormes garrafas cheias de liquidos encarnados e scintillantes ou verdes de arsenico. Sim, srs., fez progressos o estalajadeiro da «Corôa!»

O caminho desce para o rio... E já lhe apparece o moinho, alvo de seus sonhos.

Como por cima das copas do arvoredo explende com brilho familiar o velho telhado de colmo! Como as gingeiras em flôr ostentam no jardim sua nevada brancura! Como lhe grita alegremente o tic-taque das rodas: «Se bem vindo! Sê bem vindo!» Que suavissima cantiga murmurava o velho e querido açude cheio de musgos verdes!

Deitou ainda com mais fonfarria o bonnet para traz e toma ares resolutos, pois quer, a todo o preço, dominar a commoção.

São do moinho todos os campos á direita e esquerda; d'ali, como o costume, lá está o centeio de inverno; mas d'aqui, onde d'antes eram as batatas, temos agora uma horta, onde se alinham

«Que diabo te quer ella?» scisma elle, procurando vencer a timidez. Desde a sua estada em Berlim tem suas razões para julgar-se um conquistador e parece-lhe ponto d'honra approximar-se do vallado e estabelecer conversação com a rapariga.

(Continua).

Recebemos e agradecemos:

Carmencita — por *Giuseppe Gramegna — Giuseppe Maggi, editore — Torre Annunziata — (Napoli) 1899.*

Em edição primorosa nos enviou o editor napolitano sr. Giuseppe Maggi o drama *Carmencita*, original do sr. Giuseppe Gramegna, ha pouco publicado.

Por quanto uma rapida leitura nos permittiu ajuizar, vêmos que ha no drama *Carmencita* scenas de bastante intensidade, embora a acção se desenvolva lentamente. E como da leitura á representação vae grande differença, crêmos que os effeitos scenicos farão brilhar devidamente este trabalho.

A presente edição, extremamente luxuosa, é enriquecida com illustrações dos notaveis artistas Carlos Duran, J. Cheret, E. Bayard e Tr. Dulores, universalmente reputados.

Um verdadeiro mimo.

Demographia e hygiene da cidade do Porto, por *Ricardo Jorge — Editado pela repartição de saude e hygiene da Camara do Porto — 1899.*

O presente volume tem a rubrica do primeiro tomo (1898) do *Annuario do serviço municipal de saude e hygiene da cidade do Porto*, e trata do *Clima — População — Mortalidade*, sendo illustrado com quadros estatisticos, tabellarios e graphicos, referentes ao Porto, Lisboa e reino, e confrontos internacionaes. É devido á penna do illustre medico municipal sr. dr. Ricardo Jorge, erudito academico e propugnador strenuo da hygiene, titulos estes que o seu presente trabalho lhe outhorga brilhantemente mais uma vez.

Nunca julgámos — com franqueza o declaramos — que este volume fosse um trabalho tão interessante. Embora a *demographia* seja uma sciencia descriptiva de vasto alcance e tenha o seu campo n'uma esphera enorme, nunca imaginámos que o assumpto pudesse ser tratado pela fórma, deveras notavel, como o auctor o expôz. É apenas surprehendente e interessantissimo o trabalho do sr. dr. Ricardo Jorge. O distincto medico escreveu tão suggestivamente a parte historica da população do Porto, recheou-a de tão curiosas indicações, que só essa parte do seu bello trabalho lhe valeria, se os não tivesse adquirido já, fóros de escriptor de pulso. É com singular firmeza que traça os lineamentos do desenvolvimento da população do Porto, da sua actividade e dos seus privilegios, tendo explorado conscienciosamente o archivo municipal da cidade invicta, de cujos codices e documentos soltos desentranhou as mais ensinadoras noticias d'um valor historico subidissimo, e a que o bom criterio empregado dá um cunho de verdade e seriedade muito para distinguir.

Os outros capitulos do livro offerecem dados estatisticos assaz ponderaveis, e que o auctor muito judiciosamente esclareceu, comprovou e deduziu.

Não é da indole d'estas ligeiras noticias o fazermos um extracto dos numeros apurados e das lucidas considerações que lhe respeitam, e notamos esta impossibilidade material com sincero pezar.

Ao leitor, a quem interessem as questões de hygiene, agora tanto na téla da discussão, recommendamos o livro do sr. dr. Ricardo Jorge; e áquelles a quem taes estudos não interessarem os avisamos de que a introducção, a que nos referimos acima, é um trabalho original, documentado, interessantissimo, sobre a historia do trabalho, synthetisado nos operosos habitantes do burgo portucalense.

Ao illustre homem de sciencia endereçamos os nossos cumprimentos pelo seu trabalho.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.